



## AS ARTES TINHAM QUE ARRANCAR AS PORTEIRAS E INVADIR MESMO

Maria da Natividade Ramalho Borba  
UFJF

### Resumo

Este artigo é parte de uma pesquisa de Mestrado em Educação sobre a história do ensino de arte no Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF, entre 1978 e 1987. Trata de duas entrevistas realizadas com duas ex-professoras do Colégio, onde o tema Arte na escola foi discutido e articulado a outros temas. Foi possível perceber que durante aquele período, apesar da ausência da disciplina no currículo, a Arte estava presente no cotidiano escolar, através de iniciativas isoladas e principalmente dentro de um projeto coletivo realizado pelo corpo docente nas festas escolares, e que predominava uma concepção contextualista da Arte.

**Palavras-chave:** Arte, ensino artístico, história, memória, subjetividade.

### Abstract

This paper is part of a research for a Master Degree in Education about the history of “Colégio de Aplicação João XXIII / UFJF” art education, between 1978 and 1987. These two interviews with two former teachers of this College, where the subject Art in school was discussed and articulated to other topics. It could be observed that during that period, despite the absence of the subject in the curriculum, Art was present in everyday school life through isolated initiatives, and especially within the collective project conducted by the faculty in the school holidays, and there was a prevailing conception of contextual Art.

**Keywords:** Art, art education, history. memory, subjectivity.

Este artigo é parte de uma pesquisa de Mestrado em Educação sobre a história do ensino de arte no Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF. Essa sessão diz respeito a duas entrevistas realizadas com duas ex-professoras do Colégio: Lucy Maria Brandão, professora de História e Neusa Salim Miranda, professora de Português.

Após a realização das entrevistas fui buscando o que havia de comum e de diferente, entre as professoras, suas disciplinas, suas relações com a Arte e experiências no Colégio. Dadas inúmeras interseções entre as narrativas das duas professoras, foi possível elaborar três pontos de análise para pensar a Arte no Colégio de Aplicação, que são eles: Arte e Corpo Docente; Arte, Educação, Subjetividade; Arte e Experiência.

### 1 Arte e Corpo Docente

A professora Lucy em sua entrevista coloca como *“primeira coisa fundamental: que se toque nesse assunto”*<sup>1</sup>, que se toque no assunto Arte quando se tocar em Colégio de Aplicação João XXIII. E diz: *“a gente era artistas e arteiros”*. Quando diz isso, ela dá outro sentido à docência, associando-a a um ato de criação. Ao qualificar a/o docente como artista, Lucy sugere que ela/ele produz alguma forma de Arte com seu alunado,

<sup>1</sup> Utilizarei o itálico nas transcrições das falas das professoras Lucy e Neusa, para diferenciar das outras citações e do texto corrido.



ou ao menos que a experiência estética fazia parte daquela prática docente. Quando fala em arteiro, traz outra dimensão. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss, arteiro significa “aquele que promove artes ou manhas; esperto, artiloso, sagaz”, ou “aquele que apronta artes ou travessuras”. Isto sugere a ideia de certa subversão na prática daquelas/daqueles docentes, algo como transgredir, avançar um limite.

Em seguida dá grande destaque ao Corpo Docente. “Então você tinha um Corpo Docente, literalmente no sentido corpo. Era o Corpo Docente, era o grupo. Então, quando você fazia alguma coisa, cada um dava a sua contribuição de acordo com a sua capacidade.” Ela destaca que o professorado contribuía nas realizações coletivas de acordo com suas aptidões artísticas.

A professora Neusa faz parte dessa mesma época, e também compartilha dessa lembrança do Corpo Docente. Ela conta:


*A gente tinha um processo de integração muito forte no colégio. O colégio era menor e eu acho que era diferente a maneira como a gente constituía a unidade e eu acho que é muito diferente hoje nas instituições. O coletivo era muito forte. Uma geração que tinha causas políticas mais explícitas, mais fortes...*

Ela afirma que elas e eles possuíam diferenças e discordâncias entre si, mas às vezes a noção de Corpo se sobrepunha à de indivíduo. “A gente transitava bem entre todos nós”. Então destaca uma questão que considera ser um dos grandes problemas da Educação na contemporaneidade:

*A desagregação de um corpo docente, que não é corpo docente... É cada um correndo em raia própria. Eu acho que é uma das grandes questões hoje, das competências, os hiper narcisos. Os narcisos que são competentes, que publicam muito, escrevem muito, que são todos doutores e pós-doutores [...] Mas são solitários.*

Tanto Lucy quanto Neusa realçam a importância do Corpo Docente. Não é difícil perceber, pela forma como desenvolvem suas narrativas, o quanto a história do João XXIII se mistura às histórias das duas professoras. Na verdade é possível dizer que as histórias das/dos docentes que compunham aquele Corpo se confundem com a história desta instituição. Este grupo de pessoas estava unido por uma sensação de pertencimento, que lhes imprimia uma identidade professora/professor do Colégio de Aplicação. Elas/eles se sentiam parte do que Anzieu (1993) chama “imaginário grupal”, uma rede de regulamentos, práticas, ritos estabelecidos dentro do grupo. Essa rede corresponde à ideia do Corpo Docente, de pertencimento a este grupo.

Essa rede, que contém os pensamentos, as palavras, as ações, permite ao grupo constituir um espaço interno (que proporciona um sentimento de



liberdade na eficiência e que garante a manutenção das trocas intragrupo) e uma temporalidade própria (compreendendo um passado de onde tira sua origem, e um futuro onde projeta cumprir suas metas) (ANZIEU, 1993, p. XVII).

Segundo este autor, um grupo assim constituído é mais do que um agregado humano, é mais que algumas pessoas trabalhando juntas num mesmo ambiente. Um grupo possui relações identificatórias dentro dele mesmo, relações móveis que dão às/aos participantes a sensação de pertencimento e de identidade.

Contudo, é importante estarmos

conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p.17).

Lucy destaca uma iniciativa no campo da Arte que era a atuação de professoras de Português na realização de atividades artísticas no Colégio: *“você tinha todo um movimento na área de Português...”*. Ela está se referindo à Oficina Literária e ao trabalho da professora Neusa, minha outra entrevistada. A Oficina Literária propunha atividades que convocavam a Arte para a ação, mas *“não era assim, uma Educação Artística no sentido formal”*, explica Neusa, *“[...] Mas que havia uma forte inclinação pra sair e não ficar só com a linguagem verbal, havia. Os meninos desenhavam, pintavam, eles ilustravam suas histórias...”*

Lucy inúmeras vezes ressalta esse projeto, afirmando que a Oficina Literária

*foi uma coisa muito importante pro Colégio, exatamente no sentido de desenvolver nos meninos um gosto pelo conhecimento, por que cada trabalho na Oficina Literária culminava com a vinda de alguém. Vocês devem ter visto aí o Joel Rufino, o Affonso Romano de Santana, a Marina Colasanti, o Sérgio Buarque...*

Assim, ela valoriza o contato da “meninada” com pessoas de destaque no cenário da Literatura, entendendo que isto ajudaria a despertar nelas/neles o gosto pelo conhecimento.

Lucy comenta sobre o planejamento do ano: *“aqui você tem as comemorações cívicas, então todo mundo trabalhava já pensando... nessas comemorações”*. Mas a professora esclarece como essas comemorações eram feitas. *“Você não fazia uma comemoração de engrandecimento. Era uma comemoração de uma*



*maneira diferente*”. Explica que as comemorações cívicas nas festas escolares faziam parte do calendário das escolas. E conta que no João XXIII tudo era feito de uma maneira crítica, colocando o alunado para pensar, questionar. *“O João XXIII era vigiadíssimo! A nível de Quarta Região<sup>2</sup>. Por uma razão muito simples: nós todos tínhamos nos formado na Faculdade de Filosofia, que segundo “a gloriosa” era o antro da subversão*”. Assim, as/os artistas e arteiras/arteiros tinham que dar um jeito de promover suas artes e manhas para seguirem com seu trabalho. Neusa conta como fazia: *“A gente discutia nas oficinas com os alunos, não assim... A política. Tinha uma pressão política, os militares... Não discutia isso, a gente discutia sobre política da maneira metafórica. Como os livros traziam, levando isso pra vida deles...”*

As dificuldades impostas pela ditadura militar, o contexto da época certamente tornava o Corpo Docente ainda mais articulado, como peças que se movimentam em conjunto, através de ações engajadas e que envolviam o fazer artístico. Arte e Corpo Docente. Lucy e Neusa destacaram a Arte como elemento essencial daquelas realizações coletivas, entendendo-a como um dos fluídos que movimentaram e uniram o saudoso Corpo Docente.

## **2 Arte, Educação, Subjetividade**

Durante as narrativas das professoras, suas falas vão revelando suas concepções de Educação e de Arte, e podemos dizer que ambas consideram a Arte como recurso pedagógico, como ingrediente fundamental nos processos de subjetivação. Entendendo que o sujeito está em constante processo de construção de si, a educação torna-se elemento poderoso nesta construção, podendo ser limitadora ou libertadora, dependendo das práticas nela envolvidas. *“Diferentes modos, práticas, ações, discursos, relações que estabelecemos nas nossas histórias fazem de nossas experiências diferentes maneiras de nos tornarmos sujeitos”* (FERRARI, 2010, p.9). As duas professoras investem em sujeitos sensíveis à Arte, em experiências que levem seu alunado a se formar de maneira integral. *“São as experiências que concretizam as subjetividades e que dão vida aos processos de subjetivação”* (p.10).

As duas dão extremo valor à Arte na Educação, e revelam uma concepção de tendência contextualista, onde a Arte serve como auxílio a outros aprendizados. Além disso, as/os contextualistas estão interessadas/interessados no contexto onde sua prática se faz, procuram desvendar este “público” e “endereçar-lhe” uma Educação. “Um

---

<sup>2</sup> Quarta Região Militar, que na ocasião tinha sede em Juiz de Fora. No ano de 2008 recebeu a denominação histórica de “Região das Minas do Ouro”. Mais informações no site: <http://www.4rm.eb.mil.br/site/>



programa de arte-educação, segundo os contextualistas, só pode ser estabelecido depois de determinadas as características das crianças sobre as quais este irá funcionar e as necessidades da sociedade em que elas vivem” (idem).


A proposta de divisão do ensino artístico em essencialista e contextualista foi criada por Elliot Eisner. Embora se considere que as tendências sejam móveis, que possam se entrelaçar, e gerar outros sentidos, a divisão entre essencialismo e contextualismo serve para demarcar determinadas práticas em arte.

Na divisão proposta por Eisner, a corrente contextualista se propõe a utilizar a Arte como um meio para se atingir objetivos instrumentais não diretamente ligados à arte, mas sim às necessidades dos educandos (contexto psicológico) e da sociedade (contexto social). Já a corrente essencialista entende que a arte educa enquanto arte, trazendo benefícios ao educando próprios e exclusivos da área (EISNER apud FISCH, 2006, p. 162, 163).

Lucy ressalta que é preciso ensinar suas alunas e seus alunos o prazer de realizar bem uma tarefa, ensinar-lhes *“como fazer a apresentação de um bom trabalho”*, cultivar nelas e neles o *“bom gosto”*, e que isto se faz com Arte. Ela defende que a Arte na Educação trará ao alunado um melhor desempenho em todos os campos, pois elas e eles desenvolverão o gosto por fazer as coisas bem feitas, aproveitando o processo de aprendizagem.

Identifico nesse princípio, o que Dewey (2010) chama estar *“artisticamente engajado”*. Quando se está artisticamente engajado, não só o resultado ou a conclusão do trabalho interessa. Interessa usufruir o percurso. *“O mecânico inteligente, empenhado em sua atividade e interessado em bem executá-la, encontrando satisfação em seu trabalho e cuidando com genuína afeição de seu material e suas ferramentas, está artisticamente engajado”* (DEWEY, 2010, p. 62, 63). A experiência do percurso torna-se estética.

Neusa afirma: *“Eu acho que as artes tinham que arrancar as porteiças e invadir mesmo! Por que eu acho que uma forma de criar um sujeito mais sensível é dar esse toque pra vida. Essa sensibilidade pra isso.”* Essa sensibilidade para a Arte. Ela fala de uma educação do sujeito. Neusa deixa claro que deseja criar sujeitos mais sensíveis com a Educação que oferece. Diz que através da integração entre as artes estabelecida na Oficina Literária, ela foi capaz de consolidar muitos conteúdos, desenvolver o gosto de seu alunado e despertar o interesse pela cultura. E destaca *“Essa mobilização pela arte é fundamental”*.



A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 1998, p. 16).

Lucy atribui à Arte na Escola, o papel daquela que promove a integração. *“Uma coisa que eu acho que tem que acontecer com a Educação Artística é muito nessa linha de montar trabalhos integrados...”* Afirma ela. É o que acontecia naquele período: a Arte atravessando as disciplinas, nas ações de professoras e professores de outras matérias que se dispunham a doar suas aptidões artísticas à Educação. Importante destacar, que trata-se de um determinado período histórico, década de 1980, e trata-se também de professoras de outras áreas concebendo uma função para a Arte na Escola. Não havia ainda naquele momento, uma/um profissional formada/formado em Arte no Colégio. Mas vale o alerta de Ana Amália Barbosa (2008):

O professor é o maestro que constrói a rede de professores e disciplinas para uma prática interdisciplinar, o professor de Arte pode ter um papel muito importante nesta prática mas é preciso cuidado, já que por anos, todos nós da área de artes ouvimos que devemos ser o elo integrador na escola (BARBOSA, p. 109).

184


É importante que não reduzamos a função da Arte para exclusivamente promover a integração entre as outras disciplinas.

Neusa conta que utilizou a Arte na sala de aula graças à sua própria formação. *“Eu acho que devo muito da minha formação às artes mesmo. No convívio com o teatro, com música, com cinema... Eu trouxe tudo isso pra sala de aula e isso foi um ingrediente vigoroso pra trazer os alunos. O meu ingrediente foi esse, foram as artes.”* Arte como ingrediente da Educação.

*Porque o ensino implica isso, atizar desejo, atizar tesão. Porque se não tiver tesão não tem solução. Então a Oficina fazia isso: atizava, provocava desejo, dava espaço de protagonismo pros alunos, dava espaço para a voz deles. Eu era uma mediadora desse processo, mas os protagonistas eram eles.*

Contando-nos o que para ela foi marcante, Lucy deixa clara sua ligação com a Arte, assim como no caso da professora Neusa, que foi fundamental para sua prática. Nas palavras dela:

*e aí você liga à própria tendência da gente. Você não pode se esquecer que eu sou uma pessoa ligada à Arte. [...] Eu sempre adorei teatro, sempre participei de todas as atividades e muito ligada às artes plásticas.*



Arte, Educação, Subjetividade. São diversas as articulações que foram pensadas entre estas três categorias, a partir do que dizem as memórias da professora Lucy, da professora Neusa, de suas experiências narradas. As conjunções e sobreposições possíveis são inúmeras, os desafios são imensos e inerentes ao ato de educar.

### 3 Arte e Experiência

O que as professoras narram, o que capturam de suas memórias é o que ficou, o que fez diferença, é o que podemos chamar de experiências.

Larrosa (2001) faz uma discussão a respeito do conceito de experiência e saber da experiência. O autor vai à etimologia da palavra experiência e a define como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. [...] A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2001, p. 21).

As professoras contam sobre um João XXIII que possibilitava a Experiência. E Lucy não esconde o que fazia do João XXIII uma escola diferenciada e, mais ainda, explicita o seu compromisso de ser uma escola diferente, ao lembrar que ele foi criado para ser um Colégio de Aplicação, Experimentação e Demonstração.

*A gente tinha essa... A preocupação de que o Colégio seja um campo de Experimentação. Você só entendia uma escola de Aplicação como um campo de Experimentação, Aplicação e Demonstração, porque é essa a função de um Colégio de Aplicação: é a função de você realmente mostrar aquilo que está fazendo, aquilo que está dando certo, aquilo que tá precisando melhorar. Isso é importante. Você não foge a realidade, mas que você tem obrigação de ser melhor eu não tenho a menor dúvida. Acho que essa é a função de um Colégio de Aplicação, a função de ser o melhor.*

Não pretendo trazer aqui juízos de valor, nem legitimar as versões do João XXIII que a entrevistada expõe. Mas é possível a partir dessa fala, fazer uma conexão entre as palavras Experiência e Experimentação, de origem etimológica comum. Quando ela fala em “campo de experimentação”, fala de espaços reais e espaços subjetivos abertos, ou melhor, espaços *criados* para se fazerem experiências pedagógicas e educacionais.

O princípio da Experimentação de um Colégio de Aplicação está muito mais próximo do conceito de Experiência do que de seu outro parente etimológico, o “experimento”, considerado um elemento do *método*, do procedimento metodológico presente na ciência moderna (LARROSA, 2001, p.28). (Grifo do autor). Por isso é importante não confundir. “Se o experimento é genérico, a experiência é singular” (idem). Não se trata de criar uma fórmula e testá-la. A Educação concebida com base na Experiência privilegia o conhecimento em detrimento da informação;



a calma em vez da velocidade nos acontecimentos; a pausa e o silêncio no lugar do trabalho ininterrupto.

Projetos como a Oficina Literária foram espaços onde os planejamentos puderam ser executados sem pressa, com engajamento artístico, processo em construção. Neusa fala dessas experiências:

*Então aqui se desenvolviam essas atividades, almofadinhas no chão, sentado em roda. O livro ia sendo colocado em discussão... E demoravam às vezes um mês, dois meses. E isso eu sei que marcou muito os alunos, é impressionante como isso marcou.*

O que as duas professoras narram são experiências vividas por elas, pelo Corpo Docente, em conjunto com suas alunas e seus alunos. Atividades que congregavam Arte, espírito coletivo e ação política e social. A Escola saindo de si mesma. Lucy dá especial destaque a esses feitos:

*Então você tem o tempo todo, essa participação grande da meninada, tá? Fazendo essas coisas... [...] Então vamos entrar na luta pelo meio ambiente! Então vamos nós! (risos) E o João XXIII tinha uma coisa que eu achava muito legal, qualquer "invenção de moda" da cidade, [...] A primeira coisa que eles lembravam era de pedir o João XXIII pra entrar. [...] A gente era chamado absolutamente desde as coisas mais festivas às coisas mais sérias."*

Ela conta que no João XXIII "a Arte aparecia no meio da coisa...". E fala da Experiência com a Arte associando-a a alegria e ao engajamento do Corpo Docente.

Lucy exalta a presença da Arte no Colégio. "Nada é mais importante que a Arte", ela afirma e revela seu interesse em promover uma educação estética, interesse que também mobilizava Neusa, que conta como trouxe a Arte pra dentro da sala de aula:

*No colégio eu sempre tive esse desejo de inserir também pela minha formação, pela minha vivência... Eu sempre gostei de arte, sempre gostei de teatro. Vivia num mundo cercado de artistas plásticos (e eu nunca soube nem rabiscar), mas eu sempre fui muito mobilizada, atida pra isso... Gostava de cinema, de teatro, a gente fazia teatro.*

As duas professoras falam de uma desumanização da escola na contemporaneidade. Trago primeiro a fala da Lucy.

*A desumanização da escola é um problema muito sério. Quando você olha... Eu não to falando escola João XXIII, eu to falando escola de um modo geral. Você tem hoje mil coisas que o professor tem que fazer, por que pra promoção tem que fazer a tese e não sei o quê... Publicar... É muito bonito, mas deixa de fora a coisa essencial que é o aluno... Por que você tem que ter tempo, tempo pra sentar, tempo pra conversar, tempo pra ouvir...*





A professora Lucy fala da impossibilidade da Experiência imposta pela pressa cotidiana que impera hoje nas escolas. Pressa em realizar tal projeto, pressa em se qualificar. O ritmo é acelerado e os tempos escolares cada vez mais compartimentados. Pressa que impede a experiência.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2001, p.24)

Neusa também reflete sobre as novas dinâmicas que operam na trajetória docente. Diz que as/os docentes hoje não atuam com espírito coletivo, não têm mais tempo para dedicar-se a seu alunado. A professora diz que hoje as/os docentes

*são estrelas solitárias, que correm em raia própria e sempre na direção de quem vai ganhar o projeto, quem vai construir o projeto, quem vai vencer a concorrência... A gente não tinha isso, a "dona" CAPES<sup>3</sup> não existia (risos) desse jeito. Os primeiros mestrados e doutorados estavam sendo construídos e não tinha esse espírito da nova ordem econômica, da qualidade total, da empresa... [...] Esse tipo de coisa não caracterizava nossa época.*

187

Falando de Experiência trago outro autor que discute as articulações entre Arte e Experiência: John Dewey.

O conceito de experiência articula toda a obra filosófica de Dewey, um conceito identificado com a existência individual e social. É a qualidade estética que unifica a experiência enquanto reflexão. A qualidade estética de uma experiência de qualquer natureza é a culminação de um processo. [...] Aspectos e elementos do eu e do mundo qualificam a experiência com emoções e ideias. Contudo, a experiência grávida de conhecimento é experiência completa. Uma experiência incompleta nada significa. As experiências incompletas alienam e confundem o universo de significados vitais do ser humano. (BARBOSA, 1998, p.21).

O que Ana Mae Barbosa (1998) está chamando de experiência incompleta, não consumada é para Dewey a experiência sem qualidade estética, sem fruição, estéril, não chega a ser uma experiência. Segundo Dewey, a experiência se dá quando uma obra se conclui de modo satisfatório, quando seu encerramento é uma consumação, e não uma cessação. Essa experiência é um todo e carrega em si seu caráter individualizador e sua autossuficiência. Trata-se de uma *experiência* (DEWEY, 2010, p.110). (Grifo do autor)

<sup>3</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior. Informações no site: <http://www.capes.gov.br/>



Dewey quer trazer a Arte de volta ao viver cotidiano, às coisas do mundo. Ele critica o distanciamento da Arte como “campo separado, onde é isolada da associação com os materiais e objetivos de todas as outras formas de esforço, sujeição e realização humanos” (p.60). Ele considera que isso a enfraquece enquanto experiência humana, lembrando que nos primórdios Arte e vida se misturavam, eram uma coisa só. As artes “faziam parte da vida significativa de comunidades organizadas” (p. 65).

O autor ressalta a essencialidade da dimensão estética para a consumação da Experiência. A experiência estética, Dewey a chama exclusivamente de Experiência. Ele só concebe a Experiência, seja qual for sua natureza, na medida em que ela tiver qualidade estética, por que é a qualidade estética que unifica o todo e a torna uma experiência completa: “a experiência estética não pode ser nitidamente distinguida da intelectual, uma vez que esta última precisa exibir uma chancela estética para ser completa” (DEWEY, 2010, p.114). Lucy e Neusa viveram e recontaram pra mim inúmeras experiências, ressaltando nelas toda sua dimensão estética. Arte e Experiência.

As entrevistas com as professoras Lucy e Neusa se deram em sucessões de narrativas que compuseram e compõem histórias e memórias das entrevistadas. Elas trouxeram à cena sua seleção, o que elas desejaram lembrar, o que elegeram para contar. “Foram dois encontros feitos sem pressa, onde ao tempo foi dado tempo. Falamos de Experiências com a Arte, ouvimos sobre Experiências com a Arte e nos submetemos a uma Experiência naquelas duas tardes no Colégio de Aplicação.

### Referências Bibliográficas

ANZIEU, Didier. **O grupo e o inconsciente**: o imaginário grupal. Tradução Anette Fuks e Hélio Gurovitz. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.


BARBOSA, Ana Amália. Interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.) **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação**: conflitos/acertos. 1988.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



FERRARI, Anderson. Apresentação: Sujeitos, Subjetividades e Educação. In: FERRARI, Anderson. (Org.) **Sujeitos, Subjetividades e Educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.

FISCH, Carolina Betioli Ribeiro. A epistemologia do ensino da arte frente aos parâmetros curriculares nacionais: confluências e oposições conceituais. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, n. 9 (1), p. 159-182, 2006. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/viewFile/1459/1104> - Acesso em 19 dez. 2014.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Leituras SME. N 4, julho 2001, Campinas.

---

#### **Minicurrículo**

*Maria* é mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, especialista em Psicopedagogia pela Universidade Castelo Branco e licenciada em Educação Artística pela Universidade Federal de Juiz de Fora e . Tem formação em Teatro, tendo participado de cursos livres e oficinas. Professora de Artes do Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora, desde 1995 até o presente, atuando no Ensino Fundamental e Médio. Diretora do Grupo TIL - Teatro Ilimitado, grupo de teatro formado por alunas/alunos do Colégio de Aplicação João XXIII e membros da comunidade juizforana.